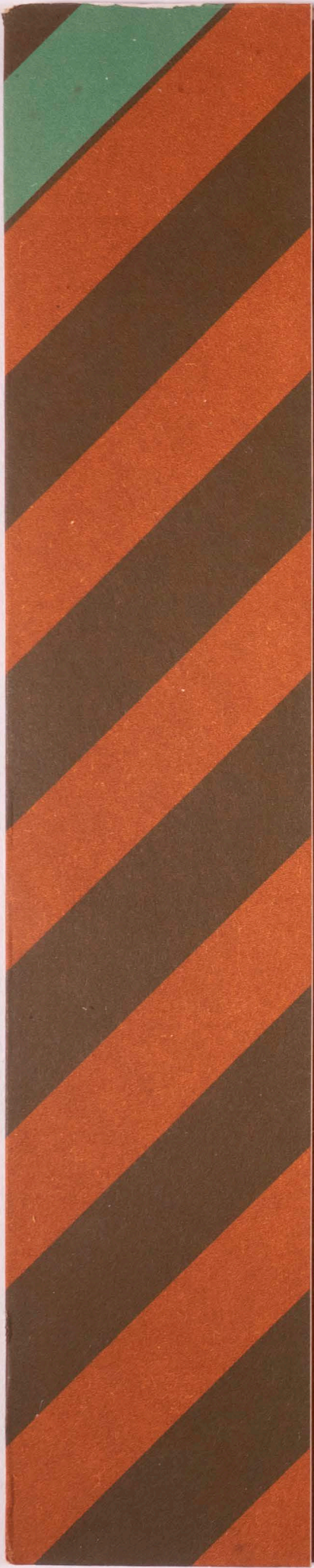


GALERIA  
119A  
GLOBAL

1976.1

Instituto de arte contemporânea





instituto de arte



contemporânea



# ANTONIO MANUEL

ISSO É QUE É  
ALEGRIA DO POVO

OBJETOS  
FLANS  
JORNAIS  
FILMES

15 A 30  
JANEIRO  
1976

GALERIA ARTE GLOBAL  
AL SANTOS 1893 / SP

## BIOGRAFIA

1963 — Trabalha e expõe em atividades ligadas às artes plásticas.

1966 — 67 Desenvolve um trabalho utilizando material de jornal:

1 — Utiliza a própria folha do jornal, como suporte do trabalho.

2 — Imprime o jornal em papel próprio para desenho.

3 — organiza e edita exemplares únicos de jornal, nas próprias oficinas, utilizando as sobras de clichês.

4 — Utiliza o **flan** (matriz de jornal) iniciando uma pesquisa pioneira no Brasil.

Exposição individual na Galeria Goeldi-Rio.

Participa da "Tropicalia" de Helio Oiticica com trabalhos de jornal.

1968 — Expõe com um grupo de artistas de vanguarda no Parque do Flamengo, exposição denominada APOCALIPOPOSE.

Professor de arte experimental no APOCALIPOPOSE.

Artista convidado para exposição e debate "O Artista e a Iconografia da Massa" na Escola Superior de Desenho Industrial-ESDI.

1969 — Executa trabalhos para o Salão da Bússola - MAM - Rio.

1971 — "O corpo e a obra", propõe o corpo como a própria obra no Salão Nacional de Arte Moderna, MAM - Rio.

1971 — Professor do curso "Atividade criatividade" no MAM - Rio. Faz investigações do corpo com o professor de ioga Vitor Binoti.

1972 — Pesquisa a linguagem cinematográfica. Realiza o filme "By Antonio Manuel" de 16 mm, preto e branco, 3 minutos.

Edita o trabalho (sobre o corpo) "The cock of the golden eggs", livro-xerox, fotos e objeto.

1973 — Filme "New Life" apresentado na "Expoprojeção" — São Paulo.

Filme "Loucura & Cultura" — 35 mm 3' premiado no 3.º Festival de Curta Metragem, Jornal do Brasil/INC.

Executa e edita em tiragem limitada trabalhos de interferência no veículo de massa "O DIA".

Interferência no veículo "O JORNAL" mostra de um dia. "Exposição de Antonio Manuel de 0 a 24 horas, nas bancas de jornais".

1974 — Filme "Antonio Dias" super 8 — 9' produção MAM - Rio.

Viaja para a Argentina e expõe com um grupo de artistas brasileiros na CAYAC, Buenos Aires.

Filme "Adios Muchacho", filmado em Buenos Aires, Argentina 16 mm preto e branco 15'. Inacabado.

Expõe com um grupo de artistas latinos na Internacional Culturrel Antwerpen, Bélgica.

1975 — Mostra do acervo do MAM - Rio. Apresenta o trabalho "Urna quente", não mais para ser aberto a porretadas. A idéia é de encerrar por muito tempo coisas. Montagem do filme "A Mão do Povo" de Lygia Pape.

Filme "Semi otica" 35 mm, preto e branco 6'. O filme poderá ser visto de trás para a frente ou vice-versa.

"Isso é que é" exposição individual na Petite Galerie, Rio.

Ganha concorrência para a realização de um filme "Arte-Hoje" sobre arte de vanguarda no Brasil.

## APRESENTAÇÃO

### EXPOR: CONTRATO DE RISCO

Antonio Manuel sabe, e mestre Aurélio confirma em seu dicionário:

**expor** é pôr em risco, colocar em perigo, arriscar a vida. É deixar ver, revelar, descobrir e também mostrar, exibir, apresentar em exposição. **Expor a obra é expor o corpo. Expor o corpo é arriscar a vida.**

Na demarche de Antonio Manuel o corpo é a constante, o motor que faz girar toda sua criação. O que nada tem a ver com a bodyart (enquanto moda). Sua preocupação é anterior ao ismo. Livre-atirador, sempre atuou sozinho, longe de escolas, de grupos ou movimentos. Não é a body, mas o bode — magro, esquivo, seco e sensual — devorando tudo no terreno baldio da arte pós-moderna; mefistofélico, atraindo, como um Exu-radar extranhas forças que ele concentra e tensiona.

Mas o corpo como instrumento de liberdade, o corpo-vida, anti-repressivo, resistindo na sua marginalidade. Músculo e idéia, a semente e o grito, esperma e sangue, eros e política. O retrato três por quatro, de perfil e frente, com "Cultura & Loucura", o corpo nu diante do público bem vestido do vernissage (Museu de Arte Moderna, 1970), corpos crivados de balas nos semi-tons da bandeira ("Semiótica", 1975), o corpo-sangue na boca do vampiro, cuspidos diamantes, o corpo-urina (em "A Nova Crítica", de Frederico Moraes, 1969) isto é que é, o corpo travestido, procurando transcender seus próprios limites para ser o que deseja ser e não o que a sociedade impõe a ele ser. No corpo-a-corpo da obra, quem não arrisca não petisca. Quem não se dispôs a levantar o colchão de plástico contendo a floresta pouco depois transformada em lixo (o lixo tropical, o lixo ocidental)? não pode ver, explodindo em vermelho, o Continente e nele o Brasil (Salão da Bússola, 1969). Quem não usou soquetes e machadinhas para destruir, em gesto de violência e liberdade, suas "Urnas Quentes" ("Apocalipopótese", em "Arte no Aterro", 1968) não pode sentir o gosto de fel e sangue. Quem não ergueu a guilhotina, suspendendo a clausura, não viu surgir no ninho do artista o corpo-eros, o sêmem e o Éden.

Jan Jacques Lebel afirma que a arte sempre foi uma forma de violentação. O artista é o que arranca o véu, mostrando o que se esconde. Em relação a Antonio Manuel é preciso pular sempre o muro, ou não se verá nada. A revelação como resultado da dialética velar/desvelar. Na divisão de tarefas do sistema da arte, o artista vela, o público des-vela. Antonio Manuel, assumindo dialeticamente os dois pólos, dependendo da tática e dos objetivos a serem alcançados, vela ou desvela, deixando ao espectador a tarefa de enovelar os vários elos de significado da obra. Quem não tem competência não se apresenta, ou como diz o próprio artista em um dos seus trabalhos: "Peru de fora não se manifesta" A tarja negra que cobre o sexo do artista pode ser a mesma que serve de venda aos olhos do espectador assustado. Para que a obra se revele é preciso arrancar ambas. Depois de exibir o corpo em ritual fulminante no MAM, Antonio Manuel, com desvelo, vela seu corpo (velar: manter-se alerta, vigiar) protegendo-o no mesmo ninho/Éden. Ao espectador a iniciativa de mais uma vez exibir o corpo do artista, em cerimônia que se repete ad-infinitum. A vida às vezes velada e re-velada. (Corpobra, 1973). O mesmo em relação às Urnas. Antes foi o espectador que desvelou o enigma da caixa. Agora é o artista que aprisiona o gesto, eternizando o mistério. Lacrando hermeticamente a urna e a ninguém entregando os instrumentos capazes de abri-la. Aguarda o momento propício. Talvez nem haja este momento. Só o futuro dirá. Por ora, é muito arriscado abri-la. Aliás, "um anjo forte gritou em voz alta: Quem é digno de abrir o rolo e de soltar os seus selos? Mas não havia ninguém, nem no céu, nem na terra, nem debaixo da terra, que pudesse abrir o rolo ou olhar dentro dele. E passou a chorar muito porque ninguém fora achado digno de abrir o rolo ou de olhar dentro dele" ("Revelações"). Eu, porém, "vi quando o Cordeiro abriu um dos sete selos... e do seu interior saiu um cavalo cor de fogo e ao que estava nele foi concedido tirar da terra a paz, para que matassem uns aos outros". Depressa lacrei novamente a caixa. Quanto às inserções e/ou interferências de textos, fotos, manchetes em jornais ou os seus flans-arte é importante considerá-los em relação ao próprio Jornal enquanto

empresa industrial com todas as suas implicações econômicas e políticas. Qual a relação entre Mondrian e Malevitch, homenageados por Antonio Manuel em dois flans, com o tipo de mensagem veiculada no Jornal que serve de suporte à sua pesquisa? A que público o Jornal é destinado? A quem pertence o Jornal — e o que ele representa na ordem geral das coisas em nosso país? O que significa mobilizar toda uma equipe de técnicos e operários para produzir um gesto criativo inserido no Dia-a-dia d'A Notícia? O que significa, por outro lado, substituir o Museu (local das musas) pelo Jornal (local dos fatos) com o suporte de uma exposição? A meu ver é só depois destas considerações iniciais que se deve buscar o sentido mais preciso e particular de cada inserção. Ai, então, as possibilidades de leitura são várias. Houve um artista, Paulo Herkenhoffer que devorou uma dessas páginas de Antonio Manuel cuja manchete fazia referência ao pintor Ivan Serpa. Vale dizer, com gula antropofágica, devorou Antonio Manuel, a quem homenageia, e seu mestre, Ivan Serpa. Como o bicheiro, que para esconder a prova de sua marginalidade devora a própria lista do jogo de bicho. Um voo retrospectivo sobre a obra e o comportamento público de Antonio Manuel definirá um retrato bem diferente daquele que comumente se faz dele. Ousado, impetuoso, agressivo ele sempre foi. Continua sendo. Mas sempre soube medir o risco exato de cada gesto — e organizá-lo. Algo prévia e longamente ensaiado, como um assalto ou operação de guerra. Antonio sabe que cada contexto ou suporte exige um tratamento específico. Cada meio tem sua própria temperatura. Na batida da História, é preciso saber tomar o pulso de cada momento. Isto é, arriscar-se. O corpo, o jornal, a galeria ou o Museu: expor é por em risco.

Frederico Moraes



SANTO GUERREIRO DA MALDADE  
cinema - grafia

Todo o processo criativo de Antonio Manuel apoia-se num mesmo princípio de uso do espaço. Um espaço predeterminado, de limites reconhecidos e onde ele introduz os dados novos.

No jornal, a rama sofre interferências, o ritmo altera-se, ganham-se ou perdem-se áreas de silêncio ou de grito. Mas, os limites externos mantem-se coerentes com o de origem. No cinema, a mesma coisa: os limites do espaço cinematográfico estão determinados.

SEMI OTICA:

fotos, duas bandas sonoras, dois planos gerais.

O 1.º plano geral abre o filme  
As fotos intercalam-se com chapas de texto

O 2.º plano geral fecha o filme  
As duas bandas sonoras alternam-se sobre fotos ou texto.

Os signos vão surgindo à medida que o elemento de redundância faz-se mais explícito: a matemática determina a medida do plano e o mesmo número corta a banda sonora alternadamente. Os dois planos gerais de tempos iguais iniciam e finalizam o filme.

A "rama" geral do filme ou a sua estrutura é predeterminada por um princípio rígido e matemático. O poético vai emergindo a partir do próprio elemento redundante da estrutura e o signo poético morde o sensível anulando a possível frieza do número.

Da foto arquivo de jornal, surge uma riqueza dolorosa e forte e que na medida que se repete, constrói o universo monotonamente perigoso e mortal do marginal, destroçado e sem horizonte.

Um olho ou uma mão crispados, são os únicos indícios de carne por trás da repetição de rostos e mãos crispados. Mas, são distintos em suas semelhanças. São distintos em sua redundância, diferenciam-se pela repetição.

O som divide-se em duas bandas sonoras: os silvos agudos agridem o verbal (texto anotação de um nome, uma cor e uma medida de vida). E a outra banda sonora mais organizada, ou mais complexa, marca os rostos fotográficos.

Mas, a banda sonora não é nunca ilustração. Ela completa uma informação. Ela completa o universo visual e limita-se também por uma medida de tempo igual à medida da imagem.

A montagem cria um ritmo interno, que escorre fluido, organizando como uma totalidade o visual, o gráfico e o sonoro.

O grande plano da casa de janela bandeira, abre-se misterioso para o morro e a vida de seus habitantes. Mas, sutilmente, ela abre-se para nós. Abre-se a janela para o nada, pois nada sabemos — inicia-se o filme — e ninguém surge no buraco negro; nós é que teremos que mergulhar no quadrado negro, no miolo do abrigo ou falso abrigo.

O plano geral do final, uma voz romântica retomada de sobre os letrados do início, desliza suavemente sobre a zoon com o sinal da morte, numa imagem síntese de tudo aquilo visto anteriormente: a impotência, o contraponto da voz doce e o sinal de destruição.

LOUCURA & CULTURA:

novamente o elemento de redundância, o plano medido matematicamente, tensionando a imagem a um ritmo perfeito.

Filmado ao vivo, mantem-se na posição de sentido seus "atores" Frente, lado e costas. A volta completa e implacável, o aprisionamento firme, a informação rigorosa e técnica. Simplesmente sinais. Cada espectador que aplique os símbolos que quiser. Estão ali à sua mercê. São seus. Observe-os. Grave seus rostos.

O verbal vem acrescentar um dado novo. Eles falam coisas sobre a loucura ou a cultura. E é na voz que vamos encontrar um dado novo. Hieráticos em suas posturas, aparentemente são todos iguais. Mas, as vozes semi aleatórias (quem fala o quê?) conduzem a um novo discurso, a uma nova dimensão daquelas fotos ao vivo. Não são mudas aquelas criaturas, como a princípio pareceu. Não são redundantes em seu silêncio, como aparentemente os planos mostravam. Elas organizam o verbal em oralidades distintas e um conteúdo semântico explícito instala-se e provoca uma reorganização do espaço cinematográfico. Assim como os primeiros acordes da velha marselhesa reformulam a imagem muda ou do discurso oral. Imagem, som e verbo constróem com suas superposições uma síntese precisa e informadora, rica e ambígua. Faça o seu filme, parece dizer o autor.

BY ANTONIO MANUEL:

um longo plano seqüência sobre uma privada. Uma longa tomada onde os limites de saturação são esquecidos ou nunca lembrados. Longamente, mãos queimam papéis, monotonamente, densamente, dramaticamente — como quiserem. Novamente instalam-se significados que serão completados por vontade e liberdade do espectador. Queimar papéis pode ser um ato de amor ou de guerra. Mas, sempre um ato poético. Da carne. Do homem.

Todos os filmes não completam o seu discurso e nem querem. São sinais repetidos até o limite da exaustão e se completam e se organizam dentro de cada espectador.

Colocam-se todos os significados que houver possibilidade ou força para colocar.

O filme é mais rico e mais forte na medida de cada um. Ele não é igual para todos. Ele depende da riqueza de cada um.

Mas, sempre um ato poético, como o NU, as Urnas Quentes, os Flans ou os Jornais.

21 de dezembro de 1975  
LYGIA PAPE





## DEPOIMENTOS

A atitude de Antonio Manuel transcende o plano de discussão puramente estético — em função de uma obra. É a própria vida. Não se discute mais uma obra feita, mas uma ação criadora. É uma arte eminentemente de vanguarda. É um aspecto da revolução cultural, onde se rompem os tabus. O fato de, hoje, você ter feito isso, sacode toda a perspectiva da arte, a discussão estética, a discussão ética, a discussão sobre arte. Discute tudo. E com uma autenticidade enorme. O que Antonio está fazendo é o exercício experimental de liberdade. Ele não está querendo dominar os outros. Ele está dizendo: "E assim é que é". Autenticidade total, que é autenticidade criativa.

Transcrito de conversa de Mario Pedrosa com Antonio Manuel sobre sua apresentação no Salão Nacional de Arte Moderna, como obra de arte. Maio de 1970 — Jornal/Tema.

"antonio manuel se projeta novo antonio manuel. pode ser múltiplos mas prefere ser único, ou, pelo menos, único bem poucos. depois da notícia, news, para os outros, público e audiência, milhões, uns poucos resolvem transformar-se em notícia para uns poucos anti-notícia de um anti-comportamento para um anti-público, os três, notícia, comportamento e público, quase clandestinos e altamente sofisticados. o sistema usando o artista pode ser trágico: o contrário, pelo menos, engraçado. o sistema se supõe normalmente racional; o artista-evento, normalmente irracional, um ruído, em todo caso, o primeiro detém o dinheiro junto com uma fajuta tábua de valores; o segundo recusa-se a ganhá-lo, se não engulirem, ou fingirem engulir, a sua anti-tábua. os atos cotidianos são como as velas de vaneza: suportáveis porque conduzem à apoteose de uma praça são marcos. o artista os suporta, rotina marginal, até o glorioso tempo lugar de representar o ato para si-mesmo — e para uma coisa-medium e/ou testemunho que o registre. ao projetar-se ato, o artista já se projeta signo — uma compulsão ele é um sign-addict. virado linguagem, pode manipular simulacros modelos de integração social e se insere manchete de jornal, em tiragem limitada ou separata, junto a outras gentes-signos de sua eleição, os chamados marginais de um público maior. aqui, a suburra transa com os salões e museus e bancos e marchands. o modelo criado pelos românticos, vie de bohème, revolução industrial, — a volta à natureza, ontem; a ecologia, hoje — mantém-se, sincrônico. a leucemia da linguagem não deixa vaza para o que se chama vida e homem.

o andróide é o homem-signo projetado pela aspiração ou compulsão de progresso do homem. talvez que a noção corrente de reificação deva ser revista, se o homem era o homem do antropóide, o andróide era o homem do homem, um novo humanismo implica o fim do progresso linear, o homem tem que estruturar-se projetar-se sincrônico para superar o projeto de progressão andróide. o biológico ainda é um evento surpreendente. o ato sexual é a sua piazza san marco. ou matar ou morrer, tem o mesmo grau de surpresa — e de liberdade de uma pantera num zoológico".

decio pignatari

## CATÁLOGOS

Corpo fechado-flan-56x40 cm.

Poema classificado-flan-56x40 cm.

Comeu gato por lebre

Visualização brasileira  
(dedicado a Décio Pignatari).

Pintor faz exposição - não mostra nada.

Interferência no veículo de massa/poeta virou estrela  
55x39 cm. (dedicado a Torquato Neto).

Abajo el puerco intelectual  
(dedicado a Jorge Romero Brest)

Crime passional das vampiras  
(dedicado a Helio Oiticica).

Filmes-P/B-16mm.  
Loucura e Cultura-9 minutos  
Semi ótica-6 minutos

Urna quente-75 (Hermeticamente fechada.  
Não mais para ser violentada a porretadas).

A idéia da Urna quente-75 é de encerrar por muito tempo coisas. Lacrada encerra o que não pode ser revelado.





o rei mandou dizer  
que ninguém toque  
nas frutas do seu  
pomar





instituto de arte contemporânea

# 234-2025 é o telefone para salvar Marquinhos

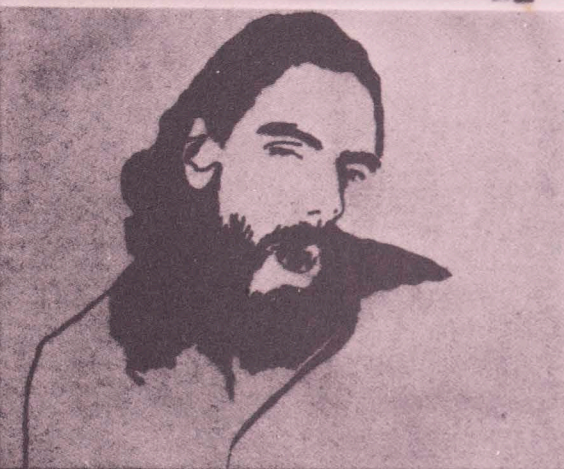
Missingen fala sobre inteligência

BIBELIOM NO AÇOCHER LITO ESTE SABADO

Conjuntos, júbilo e nostalgia

COCCO GRÁTIS

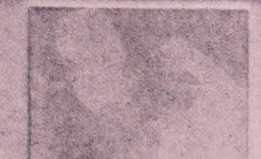
Inteligência por todos e inteligência para todos. A inteligência é a capacidade de aprender com a experiência e de aplicar esse conhecimento para resolver problemas. A inteligência é a capacidade de aprender com a experiência e de aplicar esse conhecimento para resolver problemas.



Após uma reunião de dois dias, o grupo de trabalho, no quarto andar, do prédio da Misser-Legal, quando foram todos os que estavam presentes no momento da reunião. O grupo de trabalho, no quarto andar, do prédio da Misser-Legal, quando foram todos os que estavam presentes no momento da reunião.

## VISUALIZAÇÃO BRASILEIRA

MAISA ADIA NA VIAGEM NA VIAGEM



MULTA IRÁ PARA QUEM PARAR MAL

Isabela volta com mais fé

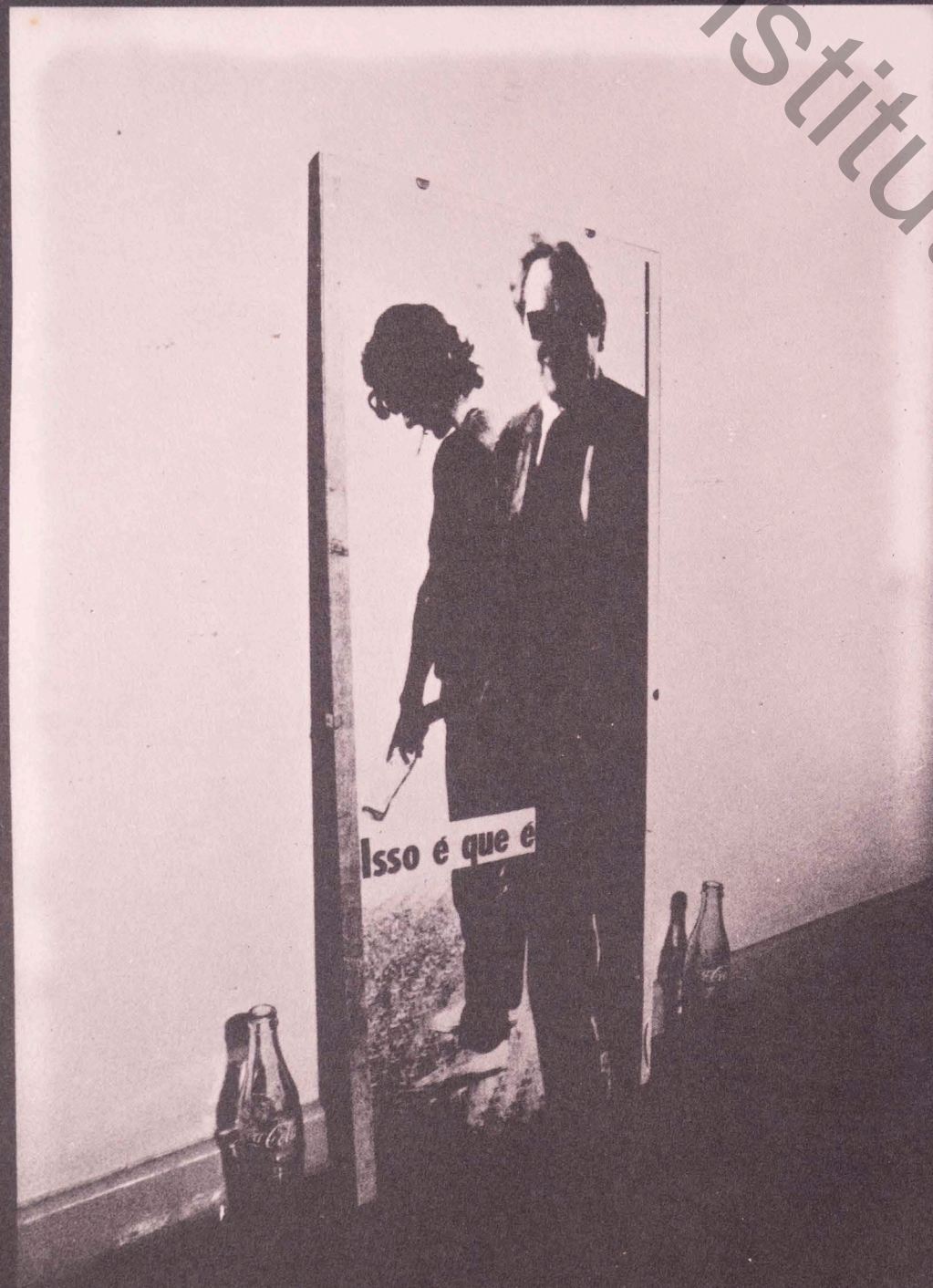
Isabela volta com mais fé

Isabela volta com mais fé

## ISABELITA DESCANSA MAIS 10 DIAS

Isabela volta com mais fé





Isso é que é

### GREVE FRACASSOU EM LISBOA: LUTA NA RUA



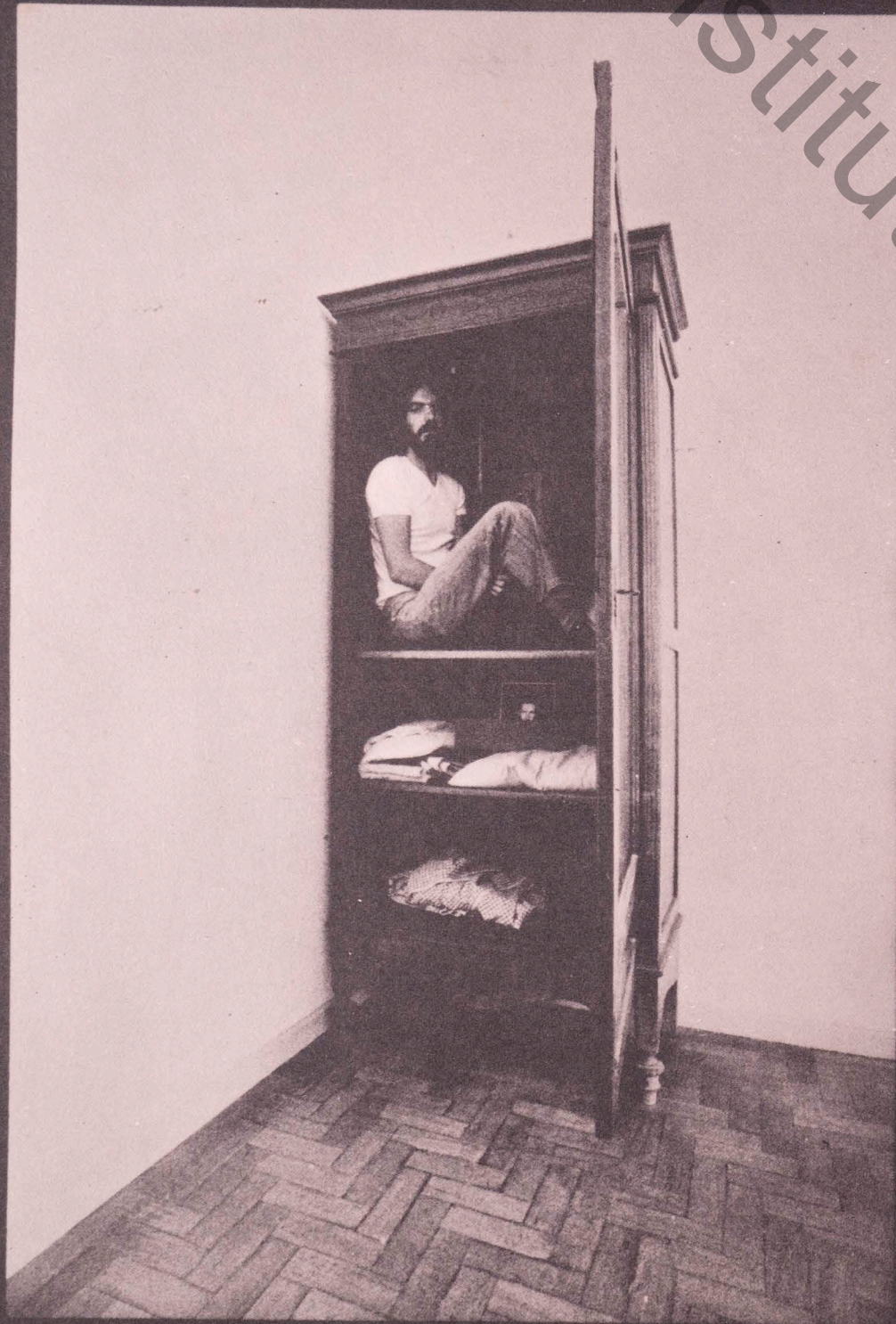
## Quem provou gostou o amor insuportável COMEU GATO POR LEBRE

Small columns of text, likely a continuation of the article or a separate piece of news.

### INCENDIARAM CORPO DO MILIONÁRIO

#### Ford quer 3 bilhões para o arsenal nuclear.





instituto de arte contemporânea



Edição  
Galeria Arte Global  
Alameda Santos 1893/SP

Direção  
Franco Terranova

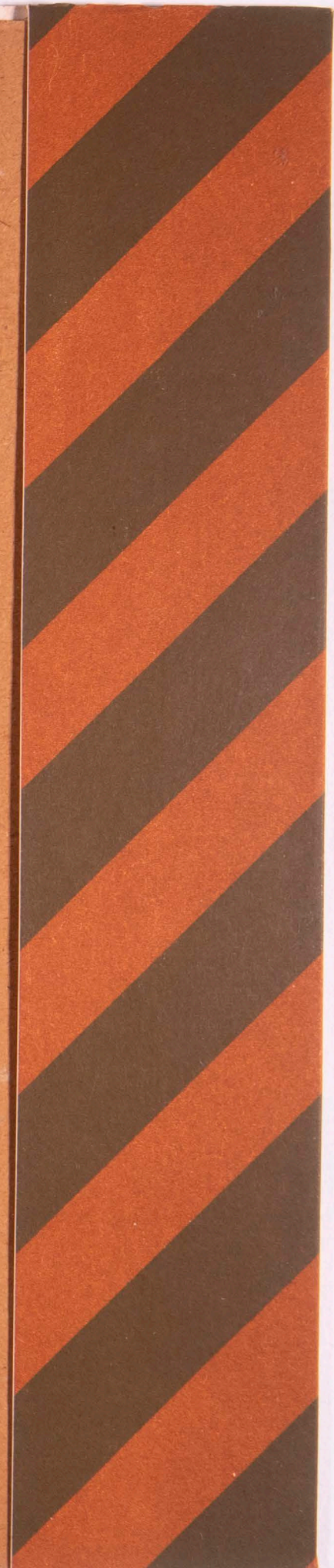
Direção Executiva  
Raquel Arnaud Babenco

Programação Visual  
Fernando Lemos

Gráfica Impressores/SP

Fotografia  
Romulo Fialdini

instituto de arte  
contemporânea







instituto de arte contemporânea